

O VALOR E A UTILIDADE DA HISTÓRIA EM NIETZSCHE

RAYLANE MARQUES SOUSA. Graduanda em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista do Programa de Educação Tutorial/PET-História-UFC.

Resumo: O objetivo deste artigo é expor a contribuição de Nietzsche (1884-1900) para os estudos históricos a partir da análise da segunda “Consideração Extemporânea”, intitulada “Sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida” (*Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben*), obra escrita em 1874. Nessa obra de teor polêmico, Nietzsche incita a refletir, entre outras coisas, sobre como o historiador pode utilizar-se do passado, sem, contudo, esquecer-se do presente, que o liga à vida. Pensando nisso, Nietzsche faz uma distinção conceitual, baseada em três formas de se investigar o passado, a saber: história monumental, história tradicional e história crítica. Esta última, portanto, é a solução, se aplicada em justa medida, encontrada pelo autor, para que o historiador, comprometido com a vida e o presente, não incorra nos erros das duas primeiras, as quais mumificam o homem no passado, ao retirar-lhe o sentido da vida, o qual se encontra no presente.

Palavras-chave: História; Teoria da História; Nietzsche.

Résumé: Le but de cet article est de révéler la contribution de Nietzsche (1884-1900) pour les études historiques de l'analyse de la seconde “Méditation inopportune”, intitulé “De l'utilité et des inconvénients de l'histoire pour la vie” (*Vom Nutzen und der Nachteil Historie für das Leben*), un ouvrage écrit en 1874. Dans ce travail de contenu controversé, Nietzsche pousse à réfléchir, entre autres choses, sur la façon dont l'historien ne peut être utilisé dans le passé, mais sans oublier le présent, qui relie à la vie. Penser à ce sujet, Nietzsche fait une distinction conceptuelle, basé sur trois façons d'enquêter sur le passé, à savoir: l'histoire monumentale, l'histoire traditionnelle et l'histoire critique. Cette dernière est donc la solution est appliquée dans une juste mesure, trouvé par l'auteur, que l'historien, engagé dans cette vie et ne pas encourir les erreurs des deux premiers, que l'homme mumificam dans le passé, de se retirer son sens de la vie, qui est présent.

Mots-clés: Histoire, Théorie de l'Histoire; Nietzsche.

1. OS PROBLEMAS DA CIÊNCIA HISTÓRIA NA ALEMANHA PÓS-GUERRA FRANCO PRUSSIANA

Durante o século XIX e limiar do século XX, a ciência história é objeto de múltiplas reflexões: elogios e críticas são tecidos por historiadores, filósofos e filósofos da história, ávidos por apreender qual a utilidade dos estudos históricos para a vida. Nesse ínterim de inquietudes e desconfianças perante o saber histórico, constantes perguntas são formuladas, tais como: o que é história? Para que serve o conhecimento histórico? A história pode ser considerada uma ciência como as demais ciências naturais? A fim de respondê-las, os historiadores, como também os filósofos e os filósofos da história, empenham suas penas e escrevem sobre o sentido valorativo da história para a vida. Entre os pensadores dedicados a refletir sobre tais temáticas está, precisamente, Friedrich Wilhelm Nietzsche. Este arroga para si a responsabilidade de pensar sobre a utilidade da história num momento em que a Alemanha encontra-se em processo de unificação, buscando estabelecer um Estado forte, o qual represente o povo alemão ante o mundo. À história cabe a difícil tarefa de selecionar fatos que construa um passado considerado representativo, heroico, para o povo alemão. Portanto, Nietzsche, como um filho do seu tempo, isto é, um homem imerso e participante das questões do seu tempo, vivencia intensamente o turbulento momento em que a ciência história está a serviço do poder. Em consequência disso, contaminado pela descrença em relação às bases fundamentadoras do conhecimento histórico, característica predominante em seu tempo, Nietzsche escreve a sua mais longa obra sobre o valor e a necessidade do conhecimento histórico para a vida. Trata-se da obra intitulada “*Sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida*”. Esse excerto pode ser considerado um libelo, no qual o referido autor deposita, de forma militante e polêmica, ácidas críticas à cultura e à moderna sociedade alemã de seu tempo, esta tão marcada por uma cultura histórica (*historische Bildung*) baseada num saber vicioso e paralisador das virtudes humanas.

Nesse contexto de intensas disputas nacionalistas em que a Alemanha, como também o restante da Europa se encontra, a história (*Geschichte*) é utilizada como ferramenta para a seleção e então legitimação de um passado dito comum, que faça menção aos grandes feitos do povo alemão e, desta forma, reúna os homens e fixem-os em uma pátria. A intenção é delimitar as fronteiras da Alemanha para que esta possa ser reconhecida entre as nações ditas civilizadas, assim denominadas por possuir um passado exemplar. E isto é possível por meio da história.

Durante esse período, a ideia que se tem de ciência história é justamente esta: a ciência história é um aglomerado de fatos e relatos enaltecidos de um passado heroico, idealizado. Esta concepção de história, responsável por legitimar e enaltecer um pretérito distante, fazendo dos grandes homens seres exemplares, é fomentada durante todo o século XIX e princípio do século XX. É contra a história científica, enaltecida de uma cultura histórica já posta, que Nietzsche se posiciona asperamente em sua obra polêmica “*Sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida*”.

Nietzsche, no prefácio da obra supracitada, ao mencionar o motivo que o leva a escrever sobre

um assunto tão caro aos historiadores do seu tempo, toma como ponto de ancoragem uma citação do poeta-filósofo alemão Goethe, um importante interlocutor de Nietzsche, que diz: “Além disso, odeio tudo aquilo que somente me instrui sem aumentar ou estimular diretamente a minha atividade”¹. Esta citação de Goethe serve como inspiração introdutória para a discussão polêmica, porém fecunda, empreendida por Nietzsche, sobre o valor e o não valor dos estudos históricos para a vida (*das Leben*). Para Nietzsche, a instrução que não serve à vida não deve ser alimentada porque se trata de um saber infecundo, portanto paralisador da atividade humana. A crítica de Nietzsche é direcionada ao método histórico dos historiadores modernos, os quais disseminam na sociedade alemã um saber histórico estritamente supérfluo, que toma como valioso o desnecessário e esquece assim de privilegiar as virtudes necessárias para o desenvolvimento da vida.

2. NIETZSCHE E A “DOENÇA HISTÓRICA” OU A “FEBRE HISTORICISTA”

Segundo Nietzsche, o homem tem necessidade da história para viver e para agir. Diante disto, é indiscutível que a posição tomada pelo autor é de defesa a um conhecimento histórico que seja produtor de vida, estimulante da ação. A crítica, pois, do autor é contra a “doença histórica” ou “febre historicista” (*historische Fieber*), como ele assim denomina, então cultivadora de um conhecimento histórico nocivo, porque vicioso, que se alastra pela Alemanha de seu tempo. A sugestão de Nietzsche para a solução deste problema apontado é que se desenvolva a virtude, outrora hipertrofiada pela febre historicista, entre o povo alemão. Trata-se, na opinião de Nietzsche, de desenvolver, em justa medida, o sentido histórico (*historische Sinn*) em meio à sociedade alemã de sua época. Se esta virtude for desenvolvida entre o povo alemão, certamente, o fim, a ruína, então prevista por Nietzsche para a moderna sociedade alemã, não passará de meras especulações, uma vez que o povo alemão, consciente de seu estado cultural paralisador, buscará as mudanças necessárias para evitar a decadência (*décadence*), o declínio. Para Nietzsche, o problema mais significativo é determinar o grau de consciência histórica suficiente para que a sociedade alemã pense sobre si mesma e, assim, possa dirimir as questões que assolam o seu tempo.

Quando este grau de consciência histórica é ultrapassado, segundo Nietzsche, ocorre a desagregação do indivíduo, do povo, da cultura. Na concepção do autor, o estado permanente de consciência plena é como viver eternamente sem o sono, estágio fundamental para o desenvolvimento salutar da vida. Não dormir é como viver sem o esquecimento, isto é, viver eternamente na lembrança, impossível para a subsistência de qualquer indivíduo, povo, cultura. Ter consciência histórica, para o historicismo moderno, corrente que Nietzsche critica impiedosamente, é não esquecer de forma alguma do passado em sua totalidade e das suas diversas representações. Contudo, na análise de Nietzsche, isto faz com

¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Da Utilidade e desvantagens da história para a vida*. Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2005. p. 67

que o indivíduo, o povo, a cultura, por permanecer preso aos grilhões do passado, sem participar da dialética formadora da vida, a saber, o permanente lembrar-esquecer, o que compromete assim o seu processo de desenvolvimento.

Para delimitar corretamente o grau de consciência histórica, é necessário, antes de tudo, conhecer qual a força plástica (*plastische Kraft*) do indivíduo, do povo, da cultura postos em questão. Sabendo qual a força plástica, força esta que permite a cultura (*Kultur*) desenvolver-se, transformar-se, produzir o novo, o belo, é possível reverter o estado caótico do indivíduo, do povo, da cultura, então contaminados pela febre historicista (*historische Fieber*). Nietzsche atribui a si mesmo, tal como um médico preocupado com o diagnóstico do seu paciente, a função de desenvolver um tratamento preventivo para a sociedade alemã, a fim de elucidá-la da sua possível ruína, se o historicismo moderno não for imediatamente extirpado. Este tratamento implica, para Nietzsche, retirar da cultura alemã os excessos de sentido histórico, causados pelo historicismo alemão, para que, desta forma, seja possível a sociedade alemã desenvolver uma cultura estimulante da ação, isto é, criadora.

Para Nietzsche, o historicismo alemão, apesar de ser inovador em sua forma de olhar para o passado, não pode ser considerado algo positivo para o indivíduo, para o povo, para a cultura, por abusar das diversas formas de interpretação do passado. Em consequência desse olhar exacerbado para o pretérito, o presente, que deve ser vivenciado criativamente, é abandonado, e o futuro, que deve ser planejado no presente, torna-se impensável. O historicismo desenvolve no homem uma fixação pelo passado, mumifica-o no passado, fazendo-o esquecer-se do presente.

A solução para tamanho problema que assola a Alemanha de Nietzsche é, segundo o próprio autor, tomar uma atitude seletiva para com o passado, isto é, deve-se refletir sobre o passado, mas tendo como referência balizadora o presente. Isto implica desenvolver uma atitude de lembrança e, ao mesmo tempo, de esquecimento para com o passado, para que a vida não seja arruinada pelos excessos de memórias. Para Nietzsche,

“toda ação exige esquecimento, assim como toda vida orgânica exige não somente a luz, mas também a escuridão. Um homem que quisesse sentir as coisas de maneira absolutamente e exclusivamente histórica seria semelhante àquele que fosse obrigado a se privar do sono, ou a um animal que só pudesse viver ruminando continuamente os mesmos alimentos. É portanto possível viver, e mesmo viver feliz, quase sem qualquer lembrança, como o demonstra o animal; mas é absolutamente impossível viver sem esquecimento”.²

Para evitar que o passado se torne o coveiro do presente, segundo Nietzsche, é necessário desenvolver na cultura a força plástica (*plastische Kraft*), que é o lembrar e o esquecer necessários para o

² Idem. p. 73.

desenvolvimento da vida. Sem essa força plástica é impossível que o homem não seja soterrado pelo passado.

3. NIETZSCHE E OS CONCEITOS DE HISTÓRIA: MONUMENTAL, TRADICIONALISTA E CRÍTICA.

A respeito disso, Nietzsche tece contundentes críticas ao saber histórico do século XIX e desmonta, por meio dos conceitos de história monumental (*monumentalische*), história tradicionalista (*antiquarische*) e história crítica (*kritische*), a história promovida pelos historiadores cientificistas. O autor alega que o saber histórico produzido no século XIX não passa de um saber nocivo à cultura, porque corruptor da virtude, por isso indigno de crédito. Nietzsche não descarta o valor da história, pelo contrário, ele afirma que a vida tem necessidade do serviço da história. A crítica do autor recai sobre o método histórico utilizado pelos historiadores cientificistas, que, segundo ele, reproduzem uma cultura já posta, dada. À história, para Nietzsche, cabe a tarefa de desenvolver o novo, a partir do olhar para o passado. Nietzsche propõe aos historiadores a inversão da inversão feita pelos historiadores cientificistas. Os historiadores devem olhar para o passado, mas tendo sempre em vista o presente, que é o campo suscetível de mudanças, de criação do novo. Segundo Nietzsche, os historiadores de seu tempo estão se voltando ao passado e nele se fechando, o que causa a negação do presente em detrimento do passado. Nietzsche classifica em três as formas de se olhar o passado:

a) História monumental

A partir do conceito de história monumental, Nietzsche faz uma crítica aos historiadores que tomavam como dignos de imitação os exemplos dos grandes homens, descartando assim a utilidade e o valor dos feitos dos homens comuns do presente. O autor defende o estudo daquilo que a antiguidade produziu de clássico, mas afirma que seria impossível o retorno regular do clássico, devido às mudanças e às deformações ocorridas pela passagem do tempo. Para Nietzsche, enquanto a historiografia se basear na história monumental, fechando-se somente na análise dos feitos dos grandes homens, a história será uma deformação do real, tal como a poesia. Segundo o autor, o homem que quer fazer grandes coisas tem sim necessidade do passado, mas não pode deixar que os mortos enterrem os vivos.

b) História tradicionalista:

A mais dura crítica de Nietzsche é contra esse modo conservacionista de fazer história. Segundo o ele, os historiadores conservacionistas seriam aqueles que cultivariam, se possível, todos os objetos do passado, como um “ferro-velho ancestral”, onde tudo o que fosse bolorento, velho, seria digno de ser guardado como patrimônio para a sociedade vindoura. Esta forma de avaliar o passado

atribui às coisas um valor semelhante, nisto estaria o seu erro. É um problema avaliar tudo a partir da mesma escala de valores porque faz com que as coisas minúsculas tenham a mesma importância dada às coisas mais excelentes. Essa paixão pelo antigo e, conseqüentemente, veneração do pretérito, desencadeia no historiador um espírito colecionador, de forma que o novo, o que estaria em vias de florescer, é rejeitado e esquecido em detrimento do velho, do bolorento. Quando a história deixa de servir ao presente para mumificar-se no passado, esta perde o seu fôlego, o que a degenera e a faz sucumbir. É contra esse tipo de história que Nietzsche insurgir-se-á com mais força.

c) História crítica

Além da forma monumental e tradicional de olhar para o pretérito, tem-se um terceiro modo, o crítico. Para Nietzsche, a história crítica tem a função de interrogar o passado, colocando-o frente ao tribunal da história, para julgá-lo de acordo com as inquietações propostas pelo presente. O problema desta forma de se olhar o passado estaria no exacerbado senso de justiça que o historiador desencadearia, o qual o faria condenar todo o passado, porque o sentimento de justiça não pode ser considerado imparcial. Desta forma, o seu veredito sempre seria a favor de uma determinada época em detrimento de outra. A busca pela justiça levaria o historiador a condenar toda injustiça, isto é, todas as formas de representação do passado. Segundo Nietzsche, a solução para não condenar todo o passado é exercitar o esquecimento. Desta forma, abrindo mão de um determinado recorte do passado, a vida ganha seu fôlego e se desenvolve. No entanto, assim como a vida exige o esquecimento para poder se desenvolver, ela também exige que se rasgue o véu nebuloso que envolve todos os fatos. Para isto, é necessário o uso da justiça, que é sempre injusta em suas formas de examinar o passado. Na opinião de Nietzsche, este é um processo perigoso para vida, porque um julgamento incoerente com determinada época pode desencadear no presente e no futuro algo perigoso para a saúde de um homem, de um povo, de uma cultura.

4. “BRUMA A-HISTÓRICA” OU “FORÇA A-HISTÓRICA”

Para Nietzsche, não se pode rememorar o passado sem a faculdade do esquecimento. Na verdade, o esquecimento não é algo negativo que a historiografia deve superar, pelo contrário, ele é vital para a saúde de um indivíduo, de um povo de uma cultura. O indivíduo que não esquece é como se fosse “um animal que só pudesse viver ruminando continuamente os mesmo alimentos”. (Co. Ext. II § 1). O esquecimento é necessário para impedir que o passado mumifique o presente. Mas, para determinar qual o grau de esquecimento, segundo Nietzsche, é imprescindível saber exatamente qual a “força plástica” (*plastische Kraft*) do indivíduo, do povo, da cultura. A força plástica é que permite o indivíduo desenvolver-se saudavelmente. Ela é uma espécie de linha demarcadora, que mantém o indivíduo dentro de certos limites, impostos para resguardar sua própria vida. Se não existe limite, de tudo o indivíduo se apropria, o que pode fazê-lo definir e morrer pelo excesso de lembrança. Nietzsche

chama esse limite de horizonte. O indivíduo, como também a cultura, precisa traçar em torno de si um horizonte, uma linha de demarcação, que separa o momento do lembrar-se do esquecer, separa o momento do histórico do a-histórico. Para Nietzsche, é preciso ignorar até certo ponto a dimensão histórica para dar lugar à vida. A ausência de sentido histórico, que é o momento do esquecimento, é importante para proteger a vida. A vida é a conjugação do momento histórico com o a-histórico. O elemento a-histórico é a bruma protetora da vida. Sem o invólucro da a-historicidade não é possível que ela exista e se desenvolva. A doença histórica, que Nietzsche retrata na *II Consideração Extemporânea*, é causa do exacerbo da consciência histórica no século XIX. Nietzsche defende que a vida precisa de um horizonte delimitador entre o estar consciente e o estar inconsciente. Esse horizonte é marcado pela dialética da memória, o eterno lembrar e esquecer, que possibilita o desenvolvimento da vida. Para Nietzsche, a vida precisa dos dois momentos, tanto o lembrar como o esquecer, para que ela se desenvolva. É necessário que ela oscile entre o histórico e o a-histórico, entre a consciência e a inconsciência. A crítica de Nietzsche é contra os historiadores cientificistas, que esqueceram que a vida precisa do horizonte do esquecimento para se desenvolver. Isso causa na modernidade o excesso de consciência que o autor tanto critica. O remédio, segundo o autor, é equilibrar a vida entre a consciência e a inconsciência, entre o histórico e o a-histórico. A bruma a-histórica protetora permite que a vida se manifeste saudavelmente.

As forças que representam a bruma a-histórica são a arte e a religião. Tais forças suprimem a consciência da temporalidade, marca da modernidade. Elas conferem à existência uma ideia de imutabilidade, permanência, eternidade. Sem a arte e a religião, que têm as mesmas propriedades do mito, a vida não conseguiria subsistir.

5. NIETZSCHE E AS FILOSOFIAS DA HISTÓRIA DO SÉCULO XIX

O combate de Nietzsche à corrente historicista moderna, em todas as suas vertentes – metafísica, cientificista, romântica, realista –, e às suas formas de olhar para o passado, dá-se, antes de tudo, por esta tomar a história como ciência objetiva e por analisar os fatos sob o viés da história progressista, teleológica. Em decorrência disso, Nietzsche tenta um afastamento da concepção filosófica de história, a qual tinha como referência maior Hegel.

Para as filosofias da história do século XIX, sendo Hegel seu maior expoente, e em seguida Marx, a história, que deve ter como referência o presente, passa a ter como referência o futuro, o além, porque o atual presente já não lhe satisfaz e o passado não representa mais nada. Isso desencadeia uma aceleração da história em busca de um futuro utópico, o que conseqüentemente resulta na desvalorização das representações e das experiências do presente e do passado. O passado e o presente passam a servir apenas como etapas promoventes do tempo futuro. É contra essa narrativa histórica etapista, progressista, teleológica, tema embaixador das filosofias da história no século XIX, a qual projeta inexoravelmente o presente no futuro, no além, esquecendo-se de estabelecer uma interlocução

entre o passado, o presente e o futuro que Nietzsche se posiciona contra.

A história, para Hegel, é o progresso da Ideia até a sua efetivação, que culminaria no Estado moderno. Para Nietzsche, ao contrário, o Estado moderno jamais pode ser o ápice, o ponto culminante da história. A crítica de Nietzsche a Hegel se deve ao fato de Hegel e os hegelianos defenderem que a história da humanidade tem um fim e que este fim já tem encontrado seu termo com a efetivação do Estado moderno.

Os argumentos construídos por Nietzsche contra a ideia de história defendida por Hegel e os hegelianos tomam como base a temporalidade histórica. Para Nietzsche, o Estado moderno não pode ser o fim da história porque a história não tem origem nem fim. Afirmar que a história tem chegado ao seu termo com a efetivação do Estado moderno é por suposição afirmar que ela também tem um começo, uma origem. Isto desconsidera a história como devir, como movimento constante, como fluxo temporal, como construção permanente do novo.

A crítica de Nietzsche a Hegel e aos hegelianos é principalmente contra a ideia de totalidade histórica defendida por eles. Se a história possuir uma totalidade histórica, como quer Hegel, é possível demarcar o início, o desenvolvimento e o fim da humanidade. Essa ideia de história desenvolvida por Hegel e os hegelianos tomou conta dos historiadores alemães por longo tempo. Contra ela Nietzsche insurge-se ao afirmar que a memória, dialética do lembrar e do esquecer, não permite que os fatos sejam apreendidos em sua totalidade, conseqüentemente não se pode delimitar a origem do processo histórico tampouco o seu fim. Nesse sentido, Nietzsche rompe com as ideias que prevalecem em seu tempo e afirma a temporalidade histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. *Escritos sobre história* (Org: Noéli Correio de Melo Sobrinho). Trad. Noéli Correa de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2005.

_____. *Obras incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DUARTE, Regina Horta. *Nietzsche e o Ser Social Histórico ou Da utilidade de Nietzsche para os estudos históricos*. Cadernos Nietzsche 2, p. 55-65, 1997

ITAPARICA, André Luiz Mota. *Nietzsche e o sentido histórico*. Cadernos Nietzsche 19, p. 79-100, 2005.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche, filósofo da suspeita?*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2010.

REIS, José Carlos. *História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. 3 ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2006

_____. *História da “consciência histórica” ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2011.